



**PROJETO DE LEI Nº 61/2023
DE 16 DE NOVEMBRO DE 2023**

Dá denominação a logradouro público da cidade e contém outras providências.

O Prefeito Municipal de Santa Rita do Sapucaí/MG faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte lei:

Art. 1º. O Coreto localizado na Praça Santa Rita, em Santa Rita do Sapucaí, passa a denominar-se ***“Coreto Maria Idalina de Jesus - Maria Bonita”***.

Art. 2º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Santa Rita do Sapucaí, 16 de novembro de 2023.

**Wander Wilson Chaves
Prefeito Municipal**

**EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DO PROJETO DE LEI Nº 61/2023**

Senhor Presidente, Senhora Vereadora, Senhores Vereadores, a presente Lei tem como objetivo autorizar o Poder Executivo Municipal a denominar o ***“Coreto da Praça Santa Rita – como “Coreto Maria Idalina de Jesus - Maria Bonita”*** que está localizado na Praça Santa Rita, no Município de Santa Rita do Sapucaí/MG.

Maria Idalina de Jesus, filha de Balbino Lucas Ribeiro e Idalina Maria de Jesus, nasceu em Santa Rita do Sapucaí, no alto do Morro da Rua Nova, no dia 5 de julho de 1902, segundo os registros oficiais, embora celebrasse seu aniversário com um mês de antecedência, em 5 de junho.

Os pais de Maria Idalina eram pessoas negras que haviam sido escravizadas em Santa Rita na segunda metade do século XIX. O casal teve pelo menos outras três filhas: Benedita, Carola e Rita. Conhecida como “Leta” e mais velha que Maria, Rita acolheu esta irmã em sua residência, também no Bairro da Rua Nova, depois que ficaram órfãs.

Maria viveu a mocidade na casa de “Leta” e de lá acompanhou as transformações sofridas por Santa Rita no início do século XX, como a instalação da luz elétrica, que chegou à área central da cidade, nos anos 1910, sem contemplar a Rua Nova. Já nas décadas de 1920 e 1930, parte do morro, que passaria a se denominar “Esguicho”, foi corroída por jatos d’água para uso de sua lama no aterro da porção mais baixa do Centro.

De acordo com relatos da família, um dos primeiros serviços remunerados exercidos por Maria foi o transporte de feixes de lenha, antes da popularização dos botijões de gás nos lares santa-ritenses. Mais tarde, ainda garota, ela passou a trabalhar como empregada doméstica num dos antigos casarões da Praça Cel. Joaquim Ribeiro, onde foi babá dos irmãos Maria de Lourdes, Cyro e Hélio de Luna Dias.

Essa experiência como babá serviu de prenúncio da vocação de Maria para o papel de mãe de filhos alheios e lhe rendeu a alcunha de “Bá”. No casarão dos De Luna Dias, inclusive, começou a ser chamada de “Mãe Negrinha” e “Maria Negrinha”. O apelido “Maria Bonita”, por sua vez, teria sido criado em outra “casa de família”, a do casal Joaquim Moreira Carneiro e Ana Marques de Azevedo (Anita), para diferenciar duas domésticas com o mesmo prenome.

Quando deu as primeiras investidas na cozinha, “Maria Bonita” era tão nova que precisava subir em um caixote de madeira para alcançar o fogão. Com apenas 16 anos, em 1918, casou-se com o oleiro Antônio Marcolino (Teotônio), também afrodescendente. Maria e “Teotônio” foram morar na Rua do Rosário, n.º 217, onde seriam criados seus oito filhos: Antônio (Toninho, falecido na infância), José



Benedito (Zé da Bá), Benedito Natal (Bilu), Sebastião Augusto (Santo), Maria Tereza, Maria Efigênia, Vitor (Vitinho da Bá) e João Balbino (Tuca, único ainda vivo).

Seduzido pelas oportunidades que se multiplicavam em São Paulo na área da construção civil, “Teotônio” rumou para a capital paulista, da qual nunca mais voltou. Num dia chuvoso, Maria recebeu a notícia da morte do marido e, sem recursos, não conseguiu vê-lo morto nem buscar o corpo.

Criando os filhos sozinha, “Maria Bonita”, pobre e analfabeta, encontrou tempo e energia para se tornar uma das cozinheiras mais procuradas do município, além de atuar como benzedeira, ama de leite, líder comunitária, operária e cultural.

Os primeiros sinais de sua liderança sobre a comunidade negra apareceram durante a juventude, na Rua Nova. Quando havia desentendimentos no morro, entre cônjuges ou vizinhos, Maria postava-se na linha de frente de um grupo de mulheres que bloqueava qualquer intervenção policial alertando: “Deixe que a gente resolve”.

No início de 1932, aos 29 anos, Maria se uniu a outros moradores do bairro, como o pedreiro Pedro Eduardo da Silva e o marceneiro José Pamphirio Rosa, ambos músicos, para colocar na rua o primeiro bloco carnavalesco do povo preto santa-ritense, o cordão Mimosas Cravinas, nome de uma agremiação que já existia no Rio de Janeiro, então capital federal.

Numa época em que o racismo impedia a entrada de afrodescendentes nos bailes do Club Santarritense, os organizadores das “Cravinas” e do antigo Club 13 de Maio, criado nos anos 1920, tomaram a iniciativa de institucionalizar o espaço recreativo da comunidade negra, com apoio de Luzia Rennó Moreira (Dona Sinhá) e outros amigos de Maria na elite branca local. Surgiu, assim, em 1944, a Associação Santarritense José do Patrocínio, que funciona até os dias de hoje, com sede social na Rua Cel. Joaquim Inácio.

Os bailes em comemoração à “Lei Áurea”, do dia 13 de maio de 1888, eram os momentos mais aguardados pelos sócios do salão das “Cravinas”, como é chamada a Associação José do Patrocínio. Mas nem todas as atividades do clube foram festivas no tempo de “Maria Bonita”, que chegou a liderar uma paralisação de domésticas por melhores salários, abrigando as grevistas na sede provisória da entidade.

Quitandeira, forneira e banqueteira, Maria preparava pratos salgados e doces para casamentos, recepções e festas religiosas; refeições para estudantes e presos. Pouco antes dos 70 anos, abriu o Bar e Restaurante Rancho Bonito. Foi a maior divulgadora do pão cheio, receita de origem italiana que acabou aprimorada por suas mãos



negras e reconhecida como patrimônio cultural de Santa Rita e de Minas Gerais nas últimas décadas.

Festeira e rezadeira, soube equilibrar a fé católica, os benzimentos de crianças e a paixão pelo carnaval. Desfilou com o estandarte das Mimosas Cravinas até a última apresentação do bloco, em 1980, sempre descendo os Morros da Rua Nova e do Zé da Silva, pela Rua Cel. Antônio Moreira da Costa, para iluminar a atual Praça Santa Rita com seu sorriso apoteótico e contagiante. Em 1975, a Prefeitura lhe concedeu o título de “foliã número um de todos os carnavais”.

O amor maternal de Maria não se restringiu aos filhos biológicos. Sem nada cobrar, amamentava, ao mesmo tempo, três ou quatro bebês de outras mães. Sua residência vivia cheia de hóspedes: parentes, amigos, crianças órfãs e adultos despossuídos. Essa rotina se manteve quando a família se mudou para o n.º 69 da Vila Amâncio, território negro que hoje faz parte da Avenida Vista Alegre. Ao cuidar de pessoas simples, a líder negra conheceu estadistas e recebeu em casa artistas como as atrizes Vida Alves e Isaura Bruno.

Maria Idalina de Jesus faleceu em 17 de fevereiro de 1997, aos 94 anos, em seu último endereço, na Rua Cel. Erasmo Cabral, n.º 32. Entre várias outras homenagens, se tornou nome de rua no Bairro São Benedito; patrona oficial do pão cheio (e sua data de nascimento, dia municipal do quitute); personagem central do livro “A rainha operária e sua colmeia negra”, de Jonas Costa; tema de filmes, peça de teatro, desfiles carnavalescos, canções, poesias, artigos, exposições, grafite e muitas obras mais, produzidas sobretudo em Santa Rita do Sapucaí.

Em razão de sua história e de sua importância para este Município, solicitamos a esta Casa Legislativa a aprovação de seu nome para o **Coreto localizado na Praça Santa Rita**.

Atenciosamente,

Santa Rita do Sapucaí, 16 de novembro de 2023.

Wander Wilson Chaves
Prefeito Municipal